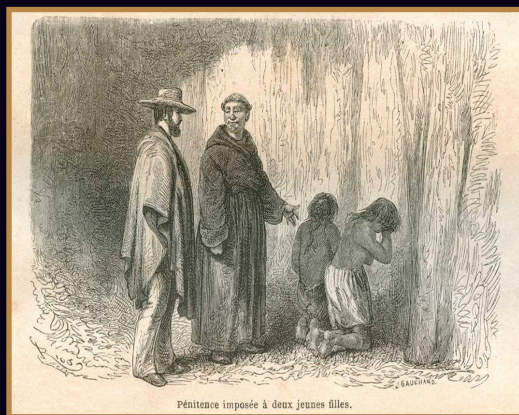


Desde há já algumas décadas que a temática do colonialismo europeu tem vindo a merecer crescente atenção por parte da comunidade académica do mundo ocidental, assim como por parte da sua opinião pública. Em boa medida fruto da *viragem cultural* que as Humanidades foram conhecendo a partir de meados do Século XX, a este interesse não serão alheias as reflexões de ordem cultural, política, sociológica ou filosófica em torno de conceitos como *alteridade*, *interculturalidade* e *multiculturalismo*, nem, evidentemente, os vários ‘choques’ culturais ou civilizacionais que têm marcado os primeiros anos do novo milénio e que, desse modo, transportaram para o espaço da discussão e da opinião públicas uma temática de contornos reconhecidamente complexos.

Os textos aqui reunidos procuram fundamentalmente dissolver os habituais mútuos encómios que parecem ser típicos destas relações diplomáticas culturais bilaterais (sejam elas luso-alemãs, luso-britânicas, franco-portuguesas ou outras), deixando – assim se espera – entrever uma *outra* perspectiva sobre os *encontros* e também sobre os *desencontros* destes mundos europeus em contextos não-europeus.



OUTROS HORIZONTES

Fernando Clara (org.)

Outros Horizontes

Encontros luso-alemães em contexto coloniais

Fernando Clara (org.)



Edições Colibri

Outros Horizontes
Encontros luso-alemães em contextos coloniais

Fernando Clara (Org)

Índice

Outros Horizontes: Introdução.....	7
(Des)encontros civilizacionais.Repetição e produção da diferença em contextos (pós)coloniais.....	11
<i>Manuela Ribeiro Sanches</i>	
Da Velha Alemanha ao Estado Novo.Mitos e esquemas da expansão europeia.....	31
<i>Alfred Opitz</i>	
A questão colonial e a propaganda alemã. Alfredo Pimenta vs. José d'Arruela: introdução a uma polémica	47
<i>Cláudia Ninhos</i>	
A República Federal da Alemanha e a política colonial do Estado Novo no início da década de 1960	65
<i>Ana Mónica Fonseca</i>	
Um Estado pluricontinental e multiracial. Os mitos do Estado-Novo e a contra-propaganda em língua alemã.....	79
<i>Bruno Lopes</i>	
A Participação da República Federal da Alemanha na construção da Barragem de Cabora Bassa: Implicações Políticas e Económicas....	93
<i>Rui Miguel Ponte Vieira Lopes</i>	
Encontros não-imediatos no espaço colonial: Hans Staden e José de Anchieta no Brasil quinhentista	111
<i>Teresa Pinheiro</i>	
O Lusitano Teodorico e o Alemão Topsius no Oriente ou em torno da camaradagem luso-alemã n' <i>A Relíquia</i> de Eça de Queirós.....	131
<i>José das Candeias Sales</i>	
Antropofagia e Infância Perdida.Sobre a arte da metamorfose em Paul Zech e Curt Meyer-Clason.....	173
<i>Orlando Grossegeisse</i>	

Outros Horizontes

Desde há já algumas décadas que a temática do colonialismo europeu tem vindo a merecer crescente atenção por parte da comunidade académica do mundo ocidental, assim como por parte da sua opinião pública. Em boa medida fruto da *viragem cultural* que as Humanidades foram conhecendo a partir de meados e finais do Século XX, a este interesse não serão alheias as reflexões de ordem cultural, política, sociológica ou filosófica em torno de conceitos como *alteridade*, *interculturalidade* e *multiculturalismo*, nem, evidentemente, os vários choques culturais ou civilizacionais que têm marcado os primeiros anos do novo milénio e que assim transportaram para o espaço da discussão e da opinião públicas uma temática de contornos reconhecidamente complexos.

Os espaços público e académico, alemão e português, embora por motivos diferentes e sobretudo com histórias coloniais – ou melhor: com histórias *no espaço não-europeu* – consideravelmente distintas, não constituem a este título excepção.

No contexto mais específico da análise e reflexão sobre o relacionamento cultural entre os mundos de língua alemã e portuguesa, não se poderá dizer que a temática colonial tenha sido exactamente esquecida (cf. sobretudo Oliveira Marques *et al.* 1996, a par de Siepmann 2000 ou Grossegessse *et al.* 2003). No entanto, e salvo raras excepções, não pode deixar também de se observar que as publicações existentes na área ou se debruçam preferencial e quase exclusivamente sobre a época dos Descobrimentos, ou estão eivadas de um tom por vezes excessivamente festivo, pouco adequado a um tema deste género.

Os textos aqui reunidos procuram fundamentalmente dissolver os habituais mútuos encómios que parecem ser apanágio do «narcisismo a dois» (Mecklenburg 1990: 88) típico destas relações diplomáticas culturais bi-laterais (sejam elas luso-alemãs, luso-britânicas, franco-portuguesas ou outras), deixando – assim se espera – entrever uma *outra* perspectiva sobre os *encontros* e também sobre os *desencontros* destes mundos europeus em contextos não-europeus.

Trata-se, por conseguinte, de procurar *deslocar* um espaço de reflexão que é normalmente binário para *outros horizontes*, desde logo consideravelmente mais complexos e mais ricos, onde a questão da(s) identidade(s) europeia(s) e da sua relação diferenciada, entre si, por um lado, e com o outro não-europeu, por outro, assume um papel inegavelmente central.

Este *deslocamento* do olhar segue (e em grande medida imita) o deslocamento característico da perspectiva pós-colonial, a qual «[...] corresponde

menos à constituição de um novo objecto, do que a um outro modo de o olhar, o que equivale a dizer que ela não se prende apenas com o depois do colonialismo, mas atende sobretudo a uma outra forma de ler o passado e o presente», como significativamente refere Manuela Ribeiro Sanches no ensaio que inaugura e, simultaneamente, serve de enquadramento histórico e conceptual a este volume.

De Schiller a Sloterdijk, Alfred Opitz faz uma revisão histórico-mítica dos olhares que a Alemanha lança sobre a expansão europeia e em particular sobre o colonialismo português, olhares esses que ao longo do tempo oscilaram sucessivamente entre a crítica, a desvalorização ou secundarização e a exaltação, inscrevendo-se todos eles, quase sempre, sobre o pano de fundo da «nostalgia da acção», i.e.: da nostalgia de uma potência que se sente imperial (no contexto europeu) e não tem, no entanto, um império (fora da Europa).

Cláudia Ninhos, por seu turno, considera inversamente (e a propósito de uma polémica entre Alfredo Pimenta e José d'Arruela) a forma como a questão colonial foi instrumentalizada pela propaganda alemã durante a II Guerra Mundial, contribuindo assim para a análise do papel – e do mito – de uma Alemanha imperial à procura de um império no quadro do debate colonial português.

Os três ensaios que se seguem estudam casos específicos do relacionamento luso-alemão em contextos africanos já após a II Guerra Mundial: os ensaios de Ana Mónica Fonseca sobre a Alemanha e a política colonial do Estado Novo no início da década de 1960, de Bruno Lopes a propósito da literatura anticolonial na Alemanha do pós-guerra e de Rui Lopes sobre o envolvimento alemão no projecto de Cabora Bassa tornam evidente a complexa teia de contradições (diplomáticas, políticas, económicas) que envolve a sociedade alemã ao longo da segunda metade do Século XX.

Teresa Pinheiro ensaia um olhar antropológico comparado sobre a questão do canibalismo nos escritos de Anchieta e Staden, chamando a atenção para as estruturas retóricas e conceptuais comuns aos dois autores que alimentam a construção de uma alteridade ameaçadora, enquanto que José Sales desfia a «nudez forte» de uma verdade-alteridade, agora já tornada turístico-cultural, que o «manto diáfano da fantasia» de Eça de Queiroz encobre n' *A Relíquia*.

Por fim, Orlando Grossegesse proporciona uma reflexão particularmente elucidativa, a propósito de Paul Zech e Curt Meyer-Clason, sobre as características míticas do espaço não-europeu enquanto espaço, por excelência, da origem, da metamorfose, migração ou transformação das identidades.

Resta sublinhar que os ensaios aqui recolhidos estão muito longe de esgotar a diversidade temática da matéria em análise. Nessa medida, não devem ser, pois, entendidos como um fim, mas como um princípio.

* * *

Alguns dos textos agora publicados resultam de comunicações apresentadas ao Congresso da Associação Alemã de Lusitanistas, que teve lugar em Leipzig, em Setembro de 2005. Aos autores, Manuela Ribeiro Sanches, Alfred Opitz, Bruno Lopes, Teresa Pinheiro, José Sales e Orlando Grossegeesse, é devido um justo agradecimento pela paciência com que encararam a publicação deste conjunto de ensaios.

Um agradecimento especial é devido ainda a Alfred Opitz, entre outras coisas, pela autoria da imagem da capa deste volume.

Bibliografia

- Grossegeesse, Orlando/Koller, Erwin/Matos, Mário/Silva, Armando Malheiro da (Orgs.) (2003), *Portugal – Alemanha – Brasil*. Actas do VI Encontro Luso-Alemão / 6. Deutsch-Portugiesisches Arbeitsgespräch. Braga: CEHUM (2 vols.).
- Mecklenburg, Norbert (1990), «Über kulturelle und poetische Alterität: Kultur- und literaturtheoretische Grundprobleme einer interkulturellen Germanistik». In: Dietrich Krusche/Alois Wierlacher (Eds.), *Hermeneutik der Fremde*. München: Iudicium (pp. 80-102).
- Oliveira Marques, A. H./Opitz, Alfred/Clara, Fernando (Coords.) (1996), *Portugal – Alemanha – África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*. Lisboa: Colibri [= Actas do IV Encontro Luso-Alemão. Lisboa, 2 a 4 de Outubro de 1995].
- Siepmann, Helmut (Ed.) (2000), *Portugal, Indien und Deutschland – Portugal, Índia e Alemanha*. Akten der V. Deutsch-Portugiesischen Arbeitsgespräche / Actas do V Encontro Luso-Alemão. Köln/Lisboa: Centro Estudos Históricos da UNL.